

SIMPÓSIO AT167

OS FILHOS DO DIA E DA NOITE INTERAÇÕES E EMBATES ESTÉTICOS E IDEOLÓGICOS NA OBRA POÉTICA DE OSWALDO DE CAMARGO

SILVA, Érica Luciana de Souza
Doutoranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora e
professora do Instituto Federal Fluminense
ericavascoprof@gmail.com

Resumo: No seguinte trabalho será verificado como o autor Oswaldo de Camargo se insere no cenário da literatura afrodescendente brasileira, não apenas como um poeta que canta versos de protestos, mas um escritor que apresenta suas dores, frustrações, angústias e questionamentos. Sensações e sentimentos característicos não apenas da população afrodescendente, e sim do ser humano. Portanto, seus poemas serão lidos buscando a interação entre o universal, relativo às aflições do ser humano, com as questões sociais do engajamento. Acredita-se que esta comunhão de perspectivas distintas é que distingue o escritor Oswaldo de Camargo como um poeta que, antes de ser negro, preocupa-se em ser um exímio poeta.

Palavras-chaves: literatura afro-brasileira; engajamento; cânone; poesia.

Abstract: In the following academic work the way author of Oswaldo de Camargo falls in the scenario of the Brazilian literature as na African descendente is to be verified, not only as a poet who sings verses protest, but also as a writer who presentes his pains, frustrations, anxieties and questions. Therefore, his poems will be read seeking interaction between universal concerning afflictions os human beings, with social issues engagement. It is believed that this communion os different perspectives is what distinguishes the writer Oswaldo de Camargo as a poet who, before being black, worries about being an eminent poet.

Keywords: African-Brazilian literature; engagement; canon; poetry.

Introdução

A Literatura Brasileira, por um longo período, que se estende da chegada dos portugueses em terras brasileiras no século XVI até, aproximadamente, no início do século XX, marcado pela Semana de Arte Moderna, seguiu as regras do que se considerava ser o cânone único para a efetivação de uma verdadeira obra de arte. Fato que levou a uma adaptação das produções literárias do Novo Mundo aos padrões estéticos e intelectuais da Europa.

A produção literária afro-brasileira surge à margem desta literatura convencionalmente aceita e, paulatinamente, se desenvolve vigorosamente, reiterando e refletindo sobre a identidade nacional brasileira negra, de origem africana. Textos que não seguiam o cânone instituído e que, por isso eram considerados inferiores sob o aspecto literário, multiplicavam à margem desta literatura dita oficial e traziam consigo a marca da luta para serem reconhecidos como literatura brasileira. De acordo com Bonnici, em *Margens instáveis*, o cânone literário é excludente e arremessa para a margem tudo o que é diferente. Essas produções excluídas dos parâmetros literários tradicionais europeu formam o que o ele denomina de margens instáveis, pois os textos ali presentes dão vazão às angústias advindas de um contexto de humilhação e silenciamento e, assim, tornam-se como marca de resistência cultural.

É nesse contexto que se encontra a literatura afrodescendente brasileira, a qual situa o negro como sujeito literário, possuidor de voz própria e que utiliza o texto para expor suas angústias, dores, revoltas, questionamentos e reflexões acerca da realidade que o cerca. Tais escritos, devido a sua característica contestadora, podem ser denominados de contra-literatura, conceituação utilizada por Bernard Mouralis em *As contra-literaturas*.

É neste contexto que se encontra o escritor Oswald de Camargo, o qual traz em seus poemas o desafio de escrever uma obra contestatória, permeada por características da literatura canônica e que contribui para que a

voz do negro brasileiro seja ouvida. Em Camargo é possível encontrar mais que apenas textos sobre negros, mas principalmente textos de negros com vozes antes silenciadas pela predominância de valores estéticos europeizantes.

1. Oswaldo de Camargo e a poesia afro-brasileira

O cenário é o de vozes silenciadas, relegadas à periferia, angustiadas e profundamente doridas. Aí reside a poética de Oswaldo de Camargo, a qual traz marcas relevantes de uma literatura socialmente reconhecida, prestigiada, mas que, a partir dessas marcas, expressa as humilhações morais sofridas, bem como as frustrações, aspirações e emoções de quem teve sua voz relegada por causa da cor de sua pele.

Assim, a poesia de Oswaldo de Camargo traz consigo elementos que provocam o reconhecimento real e doloroso do negro brasileiro. O poeta se sentia tão emparedado quanto Souza e Cruz quando o assunto era dar voz a alma negra, ou melhor, dar voz aos sentimentos mais profundos que corroem a alma solitária e estigmatizada pelo preconceito racial brasileiro.

Já nos primeiros versos de “Antigamente”, poema contido no livro *O estranho*, Camargo expressa:

Como quem cantar, mas não canta,
Como quem quer falar, mas se cala,
Eu venho fazendo escala
No porto de muita mágoa.
[...]

(CAMARGO: 1984, p. 69-70).

O eu-lírico de Camargo revela a dor em que está encerrado, cercado e inundado pelo mar de mágoa. Ao ler o poema integralmente em *O estranho*, percebe-se que a estrofe se repete ao final e juntas, elas trazem uma série de repetições formando uma sonoridade semelhante a do poema “Emparedado”,

de Cruz e Souza: “Se caminhares para a direita baterás e... se caminhares para esquerda, outra parede... se caminhares para a frente ainda nova parede... se caminhares para trás, uma derradeira parede...”. Ambos os poetas se sentem emparedados pelos sentimentos que dilaceram a alma, gretam os artelhos e de lá trazem o grito angustiado provocado por uma sociedade preconceituosa e que se transforma em um brado de resistência. Tais sentimentos expressos nos poemas configuram-se como universais, pois extrapolam os limites da dor do negro brasileiro para alçarem o patamar de a dor do ser humano.

Abaixo o poema *Gris*, o qual se encontra no livro de Oswaldo de Camargo *O carro do êxito*, também merece destaque nesta análise:

Célebre na história da minh'alma e aquela tarde
Em que me sentei ao lado da moça loira...
Por descuido sentei-me ali...
Por descuido, que trajada de cinza, minh'alma se
Atrapalhava entre gestos indecisos [...]
A moça loira olhou-me debaixo para cima
[...]
Tristeza minha!
A moça loira não sabia dizer-se...
Não sabia eu dizer-me...
Mas a distância entre nós falava e acusou-me de turvo demais
para a muito loira...
[...]
A moça loira e eu palmilhávamos a distância entre nossos
corpos...
A minha tez negra era (parece) a floresta densa que ela temia
atravessar...
Ela olhava-me, temia...
[...]
Miséria!
Gesticulei-me inteiro na poltrona, ela olhava-me.
Engoli o cuspo rubor do sangue que haveria da matança do
preconceito: a moça olhava-me... (CAMARGO: 1972, p. 126-
127).

Os fragmentos acima se colocam em paralelo com o poema “Operário no Mar”, de Carlos Drummond de Andrade, incluso no livro *Sentimento do mundo*. Enquanto neste o eu-lírico do poema se coloca como o intelectual observando o operário que caminha pela rua, naquele tem-se o intelectual negro sendo observado pela moça loira. Em ambos, há um abismo social que se interpõe entre os dois extremos. No segundo o sujeito enunciador desconhece a dor do operário que caminha e apenas o olhar os une. Em “Gris” o sujeito se configura como o negro estranho perante o olhar da moça loira. Mais uma vez o olhar atua como o único elo entre as distintas partes. Eles não se falam, mas se comunicam através do olhar. A distância entre o homem negro e a mulher loira fala e expõe os valores estereotipados da sociedade brasileira em relação ao preconceito racial. A moça loira desconhece o homem negro e, assim, teme-o. O desconhecido causa espanto, medo; teme-se o que se desconhece. É mais fácil relegar, ignorar o que lhe é estranho do que ouvi-lo e tentar compreendê-lo.

O olhar é o elo que os une porque a comunicação com palavras se torna uma ação impossível. O maior desconhece a dor do menor. É a dor de uma minoria sem voz, mas que grita insistentemente sem ser ouvida ao mesmo tempo que faz do texto literário um campo de batalha e de defesa contra os preconceitos raciais e sociais.

Considerações finais

Após as análises dos dois poemas acima, faz-se necessário destacar algumas reflexões: a obra de Oswald de Camargo pode ser considerada contra-literatura? Estaria ele atuando através de seus textos no espaço que Thomas Bonnici considera como margens instáveis?

Em *As contra-literatura*, Mouralis apresenta a ideia de que a literatura canônica é a representação de sociedade elitista e que procura impor-se do centro para a periferia no meio social. Afirma ainda que os textos configurados

nesta formação se constituem como ampla construção de significados, permeados de implicações ideológicas e que todos os textos que não se encaixam no modelo estabelecido são considerados contra-literaturas, no sentido de que não são formações literárias, reforçando os estereótipos e imperialismos culturais.

Eduardo de Assis Duarte, em seu texto “Literatura e afro-descendência”, em consonância com Mouralis, afirma que a literatura conceituada como negra ou afro-brasileira provoca “um abalo da noção de uma identidade nacional e coesa (DUARTE, in. PEREIRA: 2010, p. 73), além de provocar questionamentos sobre a aparente situação harmônica e cordial brasileira em relação às questões raciais, quando, na verdade, essas mesmas características literárias ditas oficiais salientam a “existência de vazios e omissões que apontam a recusa de muitas vozes, hoje esquecidas ou desqualificadas, quase todas oriundas das margens do tecido social” (DUARTE, in. PEREIRA: 2010, p. 73).

A literatura afrodescendente brasileira adquire o aspecto de instabilidade referenciada por Thomas Bonnici, em “O cânone literário e a crítica literária” se comparada com a literatura vigente quando insiste na produção de textos que assumem a apresentação de temas relevantes à comunidade negra brasileira colocando-os frente ao considerado cânone literário vigente em uma atitude de resistência cultural e social.

A obra de Oswaldo de Camargo se insere nessa nova perspectiva literária brasileira, embora esteja repleta de valores literários ocidentais resultantes de sua educação católica dentro de conventos. Este fato retifica o elo entre a literatura relegada e silenciada e os textos considerados canônicos. Há a forma e os valores pretendidos pelas produções literárias europeias, mas o que ali reside é a representação da dor do escritor negro brasileiro

Assim, a poética de Camargo pode ser considerada como contra-literatura por buscar o negro marginalizado, mergulhado na angústia criada pelo preconceito racial e na condição de superioridade a que é submetido.

Além disso, se insere em um contexto de instabilidade, pois a partir do instante em que é dado voz ao negro brasileiro, inevitavelmente dar-se-á vazão a sentimentos e ressentimentos que extrapolam os moldes das literaturas canônicas.

Referências.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BONNICI, Thomas; FLORY, Alexandre Villibor; PRADO, Márcio (Org.). *Margens instáveis: tensões entre teoria, crítica e história da literatura*. Maringá: Eduem, 2011.

CAMARGO, Oswaldo de. *O carro do êxito: contos*. São Paulo: Martins, 1972.

CAMARGO, Oswaldo de. *O estranho*. São Paulo: Ed. Roswitha Kempf, 1984.

DUARTE, Eduardo de Assis. Literatura e afro-descendência. In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). *Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesias e demandas sociais no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

MOURALIS, Bernard. *As contra-literaturas*. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.